



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

## O BRINCAR NO 1º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA VISÃO DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Juliana Gomes dos Santos

Márcia Regina do Nascimento Sambugari

UFMS/CPAN

**RESUMO:** O presente texto apresenta a pesquisa que investigou o espaço do brincar no contexto do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, na visão de professoras alfabetizadoras. Numa abordagem qualitativa, a pesquisa contou com realização de entrevistas com duas professoras que atuam em turmas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede municipal de ensino de Corumbá, MS. A pesquisa contemplou também o estudo do documento orientador do Ministério de Educação (MEC), intitulado “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”, que foi elaborado com o intuito de orientar pedagogicamente a implantação dessa mudança no âmbito da Educação Básica, sobretudo quanto ao currículo voltado para as crianças de seis anos de idade. A análise do depoimento das professoras permitiu perceber que as professoras possuem visão diferente sobre a temática, pois, enquanto uma desconsidera a brincadeira, pela falta de tempo e pela cobrança que a escola tem sobre ela, a outra traz a importância da brincadeira e de espaços e tempos que possibilitem e permitam que a brincadeira aconteça. Constatou-se também, que o tempo e o espaço na sala de aula não são trabalhados como deveriam ser, prejudicando a troca entre aluno/aluno e aluno/professor. Faz-se necessário, nesse contexto, que a brincadeira faça parte da rotina de aula, e não apenas como uma forma de ocupar o tempo. Um dos caminhos para romper essa visão estereotipada do brincar nos anos iniciais, talvez seja a proposição de ações formação continuada em serviço, pautadas na socialização entre os professores alfabetizadores, e como um projeto coletivo da escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brincar; professores; anos iniciais.

### INTRODUÇÃO

Nesse texto apresentamos a pesquisa realizada acerca do espaço do brincar no 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental sob a perspectiva de duas professoras alfabetizadoras que atuam em duas escolas da rede municipal de ensino de Corumbá. A escolha pela temática deu-se pela necessidade de se repensar o tempo e o espaço, numa perspectiva lúdica, considerando a entrada de alunos de seis anos no 1º ano com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos.



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Em 2007 o Ministério da Educação (MEC) organizou um documento orientador que trata do trabalho pedagógico com alunos de seis anos inseridos no Ensino Fundamental, intitulado “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”, organizado por Beauchamp, Pagel e Nascimento (2007). No documento é destacado que:

[...] o ingresso dessas crianças no ensino fundamental não pode constituir uma medida meramente administrativa. É preciso atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem delas, o que implica conhecimento e respeito às suas características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas. Nesse sentido, o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Básica (SEB) e do Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental (DPE), buscando fortalecer um processo de debate com professores e gestores sobre a infância na educação básica, elaborou este documento, cujos focos são o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças de seis anos de idade ingressantes no ensino fundamental de nove anos, sem perder de vista a abrangência da infância de seis a dez anos de idade nessa etapa de ensino (BEAUCHAMP; PAGEL; NASCIMENTO, 2007, p. 6).

Em 2008, o MEC publicou orientações relativas aos três primeiros anos do Ensino Fundamental ressaltando que o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de nove anos é parte integrante de um ciclo de três anos de duração, chamado “ciclo da infância” e que “[...] o antigo terceiro período da Pré-Escola não pode se confundir com o primeiro ano do Ensino Fundamental” (BRASIL, 2008, p. 2).

Tais mudanças nos remeteram a buscar respostas à questão central que permeou o presente estudo: qual a percepção de professoras alfabetizadoras acerca do brincar na organização do tempo e do espaço de turmas do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

Essa pesquisa teve, portanto, como objetivo geral investigar o enfoque dado ao brincar pelas professoras ao planejarem suas aulas. Como objetivos específicos analisamos que atividades, recursos e materiais de ensino são utilizados, pensando na possibilidade de aprendizagem por meio da brincadeira. Também identificar quais espaços são utilizados e como o tempo é organizado para realizar as atividades lúdicas.

Para alcançar os objetivos, esse estudo contou com uma abordagem metodológica qualitativa por meio de um estudo de caso, a partir da análise da visão de duas professoras que atuam em turmas de 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Buscamos com a presente pesquisa contribuir na ampliação de discussões sobre a formação e prática docente na relação com brincar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, apontando as dificuldades que os professores têm apresentado em seu trabalho pedagógico, bem como possíveis caminhos.

## **O TEMPO E ESPAÇO DO BRINCAR EM TURMAS DE 1º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR A PARTIR DO DOCUMENTO ORIENTADOR DO MEC**

Para Hartz *et al* (2012), a aprendizagem é muito mais significativa para a criança, quando esta é acompanhada de momentos prazerosos envolvendo atividades diferenciadas e a brincadeira constitui-se como uma ferramenta que contribui no desenvolvimento, pois, é por meio dela que “[...] a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade e faz com que construa seu próprio conhecimento (HARTZ, et al. 2012, p. 4).

Pautando-se nessa perspectiva apresentamos, a seguir, o documento orientador do MEC: “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade” que foi elaborado com o intuito de orientar pedagogicamente a implantação dessa mudança no âmbito da Educação Básica.

No Quadro 01, a seguir, sistematizamos como o documento está organizado. É composto por nove artigos produzidos por vários pesquisadores da área que abordam os conceitos “infância”, “brincar”, bem como apresenta orientações para o trabalho do professor em sala de aula, focalizando o planejamento, avaliação, a organização do tempo e do espaço.



### Quadro 01: Temas abordados no documento “Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”

Temas	Autores
A infância e sua singularidade	Sônia Kramer
A infância na escola e na vida: uma relação fundamental	Anelise Monteiro do Nascimento
O brincar como um modo de ser e estar no mundo	Ângela Meyer Borba
As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola	Ângela Meyer Borba e Cecília Goulart
As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento	Patrícia Corsino
Letramento e alfabetização: pensando a prática pedagógica	Telma Ferraz Leal, Eliana Borges Correia de Albuquerque e Artur Gomes de Morais
A organização do trabalho pedagógico: alfabetização e letramento como eixos orientadores	Cecília Goulart
Avaliação e aprendizagem na escola: a prática pedagógica como eixo da reflexão	Telma Ferraz Leal, Eliana Borges Correia de Albuquerque e Artur Gomes de Morais
Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade	Alfredina Nery

**Fonte:** Quadro elaborado pelas autoras a partir do documento orientador do MEC (BEAUCHAMP; PAGEL; NASCIMENTO, 2007).

O documento ressalta a importância da inserção do lúdico e do brincar na sala de aula. Borba (2007) enfatiza que as grades de horários, a organização dos conteúdos e das atividades devem abrir espaço para que se possa, junto às crianças, brincar e produzir cultura, e traz o seguinte questionamento:

[...] de que maneira podemos assegurar nas nossas práticas escolares que o brincar seja vivido como experiência de cultura? Vamos pensar juntos alguns caminhos. Organizando rotinas que propiciem a iniciativa, a autonomia e as interações entre crianças. Criando espaços em que a vida pulse, onde se construam ações conjuntas, amizades sejam feitas e criem-se culturas. Colocando à disposição das crianças materiais e objetos para descobertas, ressignificações, transgressões. Compartilhando brincadeiras com as crianças, sendo cúmplices, parceiros, apoiando-as, respeitando-as e contribuindo para ampliar seu repertório (BORBA, 2007, p. 44).

É muito importante que o professor propicie a brincadeira, possibilitando à criança liberdade, pois ela cria e vivencia suas experiências fora da escola, isso é o que



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

tem significado para ela, e nesse caso, o professor não tem como fazer, pois, as experiências são próprias de cada uma.

Kramer (2007) ressalta que por meio da brincadeira, o professor precisa aguçar na criança a criatividade e, principalmente, deixa-la livre para criar, vivenciar e refazer a infância. Nessa perspectiva, o grande desafio no Ensino Fundamental é considerar os jogos e as brincadeiras como prioridade, usá-las de forma em que as crianças possam aprender e entender as várias formas de entender o mundo. A autora defende a ideia de que:

[...] os direitos sociais precisam ser assegurados e que o trabalho pedagógico precisa levar em conta a singularidade das ações infantis e o direito à brincadeira, à produção cultural tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental. É preciso garantir que as crianças sejam atendidas nas suas necessidades (a de aprender e a de brincar), que o trabalho seja planejado e acompanhado por adultos na educação infantil e no ensino fundamental e que saibamos, em ambos, ver, entender e lidar com as crianças como crianças e não apenas como estudantes. A inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental requer diálogo entre educação infantil e ensino fundamental, diálogo institucional e pedagógico, dentro da escola e entre as escolas, com alternativas curriculares claras (KRAMER, 2007, p. 20).

Nascimento (2007), em seu texto também assinala que a brincadeira para as crianças do 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é essencial, pois muitas delas estão começando sua vida escolar sem antes ter experiência na Educação Infantil, as experiências sendo elas boas, ou não, nesse início, podem acarretar para a vida toda. A brincadeira é responsável por muitas aprendizagens nas quais as crianças aprendem por meio das experiências com outras crianças.

Dessa maneira, a autora ressalta que a brincadeira precisa ser prioridade para as crianças do Ensino Fundamental, ainda mais as crianças do 1º ano que estão começando sua vida escolar. O desafio é tornar a brincadeira essencial para conhecer, entender e aprender com as crianças por meio de suas diferentes linguagens, porque através da brincadeira a criança vê e reproduz o mundo do seu jeito. Nascimento (2007) nos alerta que:

Pensar sobre a infância na escola e na sala de aula é um grande desafio para o ensino fundamental que, ao longo de sua história, não tem considerado o corpo, o universo lúdico, os jogos e as brincadeiras como prioridade. Infelizmente, quando as crianças chegam a essa etapa de ensino, é comum ouvir a frase “Agora a brincadeira acabou!”. Nosso convite, e desafio, é aprender sobre e com as crianças por meio



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

de suas diferentes linguagens. Nesse sentido, a brincadeira se torna essencial, pois nela estão presentes as múltiplas formas de ver e interpretar o mundo (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

Borba e Goulart (2007) discutem acerca da possibilidade do trabalho pedagógico envolver as várias linguagens, partindo da necessidade de trabalhar de forma mais flexível, por meio de atividades que articulem a arte, e a dimensão estética, a fim de permitir à criança uma escola que seja:

[...] mais colorida, encantada, viva, espaço de arte, cultura e conhecimento! Aprender a ler imagens, sons, objetos amplia nossas possibilidades de sentir e refletir sobre novas ações que criem outras formas de vida no sentido de uma sociedade justa e feliz, assim como incita as crianças a também se tornarem autoras de suas produções e de suas vidas ao mesmo tempo em que se responsabilizam pela nossa herança cultural, por descobrirem seu valor (BORBA; GOULART, 2007, p. 55).

Para Corsino (2007), “[...] é importante que o trabalho pedagógico com as crianças de seis anos de idade, nos anos/séries iniciais do ensino fundamental, garanta o estudo articulado das Ciências Sociais, das Ciências Naturais, das Noções Lógico-Matemáticas e das linguagens” (CORSINO, 2017, p. 59). A autora aponta, ainda que:

O olhar sensível para as produções infantis permitirá conhecer os interesses das crianças, os conhecimentos que estão sendo apropriados por elas, assim como os elementos culturais do grupo social em que estão imersas. A partir daí, será possível desenvolver um trabalho pedagógico em que a criança esteja em foco (CORSINO, 2007, p. 57).

Borba (2007) assinala que a brincadeira é muito importante na escola, devido a socialização com os colegas, pois, “[...]a brincadeira não é algo já dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura” (BORBA, 2017, p.36).

Nessa perspectiva faz-se necessário investigar como vem se configurando o tempo e espaço no trabalho pedagógico de professores que estão atuando em turmas de 1º ano. Assim, após esse estudo partimos para a investigação ao campo empírico, tendo como sujeitos duas professoras. A seguir apresentamos o caminho metodológico percorrido.



## METODOLOGIA

Esse estudo contou com uma abordagem metodológica qualitativa a partir de estudo de caso, pois, de acordo com Ludke e André (1986), buscamos a partir a análise de uma situação particular trazer indicativos para pensar a ampliação desse estudo, configurando-se, portanto, como uma pesquisa exploratória.

Dessa maneira, realizamos entrevista, com roteiro semiestruturado com duas professoras que atuam no 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas da rede municipal de ensino de Corumbá, MS e que aceitaram participar da pesquisa. A entrevista propicia o contato com os sujeitos, criando um ambiente informal. Conforme destaca Duarte (2004), consiste em uma técnica rigorosa que necessita de planejamento prévio, com a elaboração de roteiros semiestruturados e a organização do percurso para se alcançar os objetivos definidos.

As entrevistas ocorreram nas respectivas escolas em que as professoras atuam. Foi marcado um horário com maior disponibilidade e que fosse bem propício para a entrevista. Para manter o anonimato, o nome das professoras aqui apresentado é fictício, em atendimento às normas do Comitê de ética.

A professora Íris atua em uma escola localizada no centro e a professora Rosa na parte alta da cidade de Corumbá.

A entrevista com a professora Íris ocorreu na escola, na sala de professores e com a professora Rosa foi um pouco mais difícil de marcar uma data, pois não tínhamos muito tempo livre. Após alguns ajustes conseguimos marcar e realizamos a entrevista em sua sala de aula, enquanto os alunos estavam na quadra de esportes, na aula de Educação Física. Na ocasião, ela apresentou a sua sala, os materiais utilizados com as crianças e o espaço para leitura.

As informações obtidas com a entrevista foram organizadas nos seguintes eixos de análise:

- Contato com o documento orientador: Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade.
- Orientações da gestão escolar sobre a especificidade de se trabalhar em turma de 1º ano.
- Olhar diferenciado sobre o tempo e o espaço em turmas de 1º ano.
- Presença de brincadeiras no planejamento de aula.



- Recursos materiais são mais utilizados nas aulas.
- Organização do tempo e do espaço.

A análise dos dados foi realizada mediante o diálogo com pesquisadores que abordam o tema brincar no Ensino Fundamental, com um olhar voltado na inclusão da criança de seis anos de idade no Ensino Fundamental e são descritos na discussão, a seguir.

## DISCUSSÃO DOS DADOS

A professora Íris é formada em Pedagogia, concluiu sua graduação em 2015, atua como professora há três anos, e como professora do primeiro ano há dois anos.

A professora Rosa cursou magistério, é formada em Geografia desde 1994, e tem especialização sobre o brincar, atua como professora há 32 anos e como professora do primeiro ano do ensino fundamental há quinze anos.

Com relação ao contato com o documento orientador: “Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade”, a professora Íris informou que não se lembra de ter tido contato, pois não atuava como professora a época em que o documento foi divulgado. Também não se recorda de ter estudado em sua formação, pois cursou o nível superior após esse documento ser introduzido nas escolas.

Já a professora Rosa relatou que teve contato com o documento, conforme pode-se observar em seu depoimento:

Sim, foi feita uma reunião com leitura do documento e orientação, na escola onde atuava como professora. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).

Quanto à orientação da coordenação, ou da direção da escola sobre a especificidade de se trabalhar em turma de 1º ano as duas professoras afirmaram ter orientação.

Sim no primeiro ano de atuação recebeu orientações da coordenadora e diretora da escola. (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Sim, teve orientação da diretora e coordenadora. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).





**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Com relação à visão acerca de um olhar diferenciado quanto ao tempo e espaço das turmas de 1º ano, as duas professoras afirmaram a necessidade, fazendo os seguintes destaques:

[...] na hora do recreio eles saem antes dos maiores. (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Há necessidade de um cantinho de leitura e de brinquedos. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).

Sobre a presença de brincadeiras no planejamento de aula, a professora Íris não focaliza a brincadeira, justificando que a escola cobra muito as atividades escritas das crianças. Já a professora Rosa diz que a escola cobra sim, mas como ela divide seu tempo e suas atividades é ela quem decide a melhor forma.

Não, porque não dá tempo, tem muita coisa para passar para eles, os únicos espaços que dá é o de leitura e vídeos educativos. (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Sim, pelo menos duas vezes por semana, sempre nas últimas aulas. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).

No depoimento das professoras fica explícito o espaço que a brincadeira ocupa em sua prática docente. O relato da professora Íris nos faz pensar o quanto é importante o envolvimento coletivo da gestão escolar no entendimento da importância da brincadeira no contexto do 1º ano. A esse respeito, Nery (2007) nos alerta que “[...] o planejamento precisa ser compreendido como processo coletivo e como ferramenta de diálogo em que se considere a participação também dos estudantes no trabalho a ser constituído, bem como da comunidade escolar” (NERY, 2007, p. 111).

Quanto aos recursos materiais são mais utilizados nas aulas pelas professoras, conforme apresentado no depoimento delas são materiais comprados e confeccionados por elas mesmas.

Livro didático, jogos, vídeos educativos, alfabeto móvel, atividades impressas. (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Cartazes, filmes e vídeos educativos, contação de histórias, atividades impressas, atividades no caderno (porque os pais cobram), atividades e jogos pensados na alfabetização e brincadeiras livres. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

A análise desses depoimentos, das professoras Íris e Rosa, permitiu retomar o que Borba (2007) nos alerta acerca da necessidade da compreensão do que é um recurso pautado na brincadeira, pois:

[...] quando tais atividades são compreendidas apenas como recursos, perdem o sentido de brincadeira e, muitas vezes, até mesmo o seu caráter lúdico, assumindo muito mais a função de treinar e sistematizar conhecimentos, uma vez que são usadas com o objetivo principal de atingir resultados preestabelecidos. É preciso compreender que o jogo como recurso didático não contém os requisitos básicos que configuram uma atividade como brincadeira: ser livre, espontâneo, não ter hora marcada, nem resultados prévios e determinados (BORBA, 2007, p. 43).

Quanto à organização do espaço de uma turma de 1º ano, conforme os depoimentos das professoras: para a professora Íris o espaço deve ser o mesmo das demais séries, somente os conteúdos devem ser diferenciados dos demais, já a professora Rosa diz que o espaço tem que ser diferenciado dos demais, pois a sala tem que ser bem aconchegante e que as crianças sintam prazer em estar ali.

Em relação ao espaço não, mas aos conteúdos e atividades sim. (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Sim, com mais ilustrações, aulas lúdicas que chamem a atenção dos alunos, que façam eles participarem das aulas, criar um cantinho da leitura e da brincadeira dentro da sala de aula. (Professora Rosa. Entrevista, 2019).

Sobre a organização do tempo na turma de 1º ano, a análise dos dados evidenciou que para a professora Íris o planejamento da aula deveria ser diferenciado, pois é muito pouco tempo para os conteúdos e atividades aplicadas em sua sala, não há tempo para a brincadeira. O mais importante é a aplicação dos conteúdos, que seus alunos saiam do primeiro ano com os entendimentos prévios para a série seguinte.

Em relação ao planejamento deve ser diferenciado, porque o tempo das aulas é muito pouco, dependendo da aula e do andamento da turma não damos conta de terminar o conteúdo. Por isso não sobra espaço para a brincadeira, pela falta de tempo e pela cobrança que recebo da coordenação referente ao aprendizado dos alunos (Professora Íris. Entrevista, 2019).

Já para a professora Rosa, o tempo das aulas deveria ser reduzido, tendo intervalo durante cada atividade para as crianças descansarem. Em sua visão, as aulas do 1º ano deveriam ter muito mais atividades práticas por que isso envolve mais a participação, possibilitando, assim, aprendem brincando.



**IV Congresso de Educação do CPAN**  
**III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN**  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

Sim, deveria ter menos tempo de aula, e mais intervalos não para ficarem sem fazer nada, mas para dar outras atividades mais práticas relacionadas aos assuntos estudados, porque as aulas de 50 minutos são muito maçantes para eles, eles cansam muito rápido de copiar, seria bom ter sempre um intervalinho depois de cada aula (Professora Rosa. Entrevista, 2019).

Nascimento (2007) nos alerta acerca do tempo e do espaço, nos alertando sobre a necessidade de se pensar a necessidade de:

[...] definir caminhos pedagógicos nos tempos e espaços da escola e da sala de aula que favoreçam o encontro da cultura infantil, valorizando as trocas entre todos os que ali estão, em que crianças possam recriar as relações da sociedade na qual estão inseridas, possam expressar suas emoções e formas de ver e de significar o mundo, espaços e tempos que favoreçam a construção da autonomia (NASCIMENTO, 2007, p. 30).

A análise dos depoimentos das professoras nos permitiu perceber que o tempo e o espaço na sala de aula de turmas de 1º ano ainda não são trabalhados como deveriam ser, prejudicando a relação de trocas entre aluno/aluno e aluno/professor.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento dessa pesquisa possibilitou um olhar sobre como as professoras Íris e Rosa trabalham e qual a visão delas sobre o brincar no desenvolvimento da criança. Ao analisar as entrevistas foi possível percebermos que as professoras possuem visão diferente sobre a temática, pois, enquanto uma desconsidera a brincadeira, pela falta de tempo e pela cobrança que a escola tem sobre ela; a outra traz a importância da brincadeira e de espaços e tempos que possibilitem e permitam que a brincadeira aconteça. Essa constatação aponta para a necessidade de se ampliar esse estudo, contemplando mais sujeitos e escolas.

Com relação às informações obtidas na pesquisa percebemos que a professora Íris desconhece o documento orientador, e talvez isso sinalize que existam várias outras situações que a influenciaram tais como: a falta de formação; o percurso de atuação, dentre vários outros fatores. O importante, na verdade, é que haja uma proposta pedagógica e que os professores sejam orientados para trabalhar de acordo com a faixa etária da sala de aula, pois a criança de seis anos ainda está em desenvolvimento e necessita da brincadeira para associar ao contexto educativo.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'

A brincadeira, nessa perspectiva, deve fazer parte da rotina de sala de aula, e não ser apenas uma forma de ocupação do tempo. Talvez um dos caminhos para romper com essa visão cristalizada seja a proposição de ações de formação continuada em serviço, pautadas na socialização entre os professores alfabetizadores, como projeto coletivo de toda a escola.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Parecer CNE/CEB N.4, de 20 de fevereiro de 2008. Orientação sobre os três anos iniciais do Ensino Fundamental de nove anos. **Diário Oficial da União**. Brasília, 10/06/2008. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004\\_08.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/pceb004_08.pdf). Acesso em: 09 mar 2019.

BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar 2019.

BORBA, A. M. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 33-46. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

BORBA, A. M.; GOULART, C. As diversas expressões e o desenvolvimento da criança na escola. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 47-56. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

CORSINO, P. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007, p. 57-68. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**. Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf>. Acesso em 08 ago. 2018.



IV Congresso de Educação do CPAN  
III Semana Integrada de Graduação e Pós-Graduação do CPAN  
*'Interfaces da docência: olhares e movimentos da formação inicial de professores'*

HARTZ, A; et al. A importância do brincar no ensino fundamental: crianças em alfabetização. **Revista conhecimento on-line**, n. 4, v. 1, mar, p. 1-8, 2012. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline>. Acesso em 08 ago. 2018.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 13-24. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

NASCIMENTO, A. M. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 25-32. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.

NERY, A. Modalidades organizativas do trabalho pedagógico: uma possibilidade. In: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. (org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. p. 109-135. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2019.